

## **Parecer crítico - Língua Inglesa no Ensino Fundamental – Base Nacional Curricular Comum**

A primeira observação relevante após a leitura atenta do documento que descreve as diretrizes para ensino/aprendizagem de inglês no ensino fundamental é um elogio. O propósito da BNCC, de garantir uma formação humana integral e a construção de uma sociedade mais compreensiva, justa e igualitária está plenamente contemplado nas descrições da proposta para língua inglesa. A definição de eixos comunicativos, a inclusão de um eixo separado para a educação intercultural, a inclusão de uma unidade temática chamada “atitudes favoráveis” são indicativos de que o aprendizado da língua inglesa contribui para essa formação humana integral pretendida.

Dito isso, descrevo a seguir alguns aspectos para refletir acompanhados de sugestões.

### **Inglês a partir do 6º ano**

As línguas estrangeiras só estão previstas para entrar no currículo nos anos finais do Ensino Fundamental, isto é, a partir do 6º ano. No entanto, como descrito no documento de introdução ao ensino fundamental, *nos anos iniciais desse ciclo da escolaridade ampliam-se os elementos importantes para a apropriação do sistema linguístico e comunicativos*. Justamente por isso é importante que esses anos iniciais incluam em sua grade curricular reflexões sobre o “estrangeiro”.

Isso pode ser feito por meio das escolhas de textos, especialmente literários e jornalísticos. A noção de diversidade pode ser explorada no estudo dos autores, conversas sobre a língua original em que o texto foi escrito, pesquisas sobre aqueles países e seus costumes. Tudo ainda em língua materna, nas disciplinas de língua portuguesa, história, geografia e até ciências.

### **Por que inglês e não outra língua estrangeira?**

Destaco positivamente a justificativa para ser esta e não outra a língua estrangeira a incluir no currículo formativo dos alunos brasileiros. Segundo a BNCC, a opção pela língua inglesa é por seu *papel de língua de comunicação internacional, uma língua franca utilizada por falantes espalhados no mundo inteiro, com diferentes repertórios linguísticos e culturais*. Esse caráter internacional precisa ser destacado pois ainda existe uma valorização de algumas variantes da língua inglesa em detrimento de outras, tanto por parte da comunidade, como dos próprios professores de inglês. Essa justificativa deve orientar a escolha de materiais autênticos a oferecer aos alunos. Que sejam de origens variadas, incluindo produções em inglês de falantes de outros idiomas, evidenciando o caráter de língua

franca, tão bem utilizado por quem tem inglês como primeira língua quanto por outros usuários, como eles mesmos (os alunos) serão.

### **Eixos organizadores e sua articulação**

Após a descrição dos cinco eixos organizadores, o texto ressalta que estes *estão sempre ligados nas práticas sociais e isso não pode ser diferente na sala de aula*. Concordo plenamente com a afirmação, no entanto, não foi possível ver essa articulação na descrição das habilidades para os anos finais. Os eixos são tratados separadamente e a única menção à tal articulação aparece antes da descrição de alguns eixos em uma frase como: *as práticas de leitura do 7º ano envolvem, sempre que possível, uma articulação com o conhecimento prévio oral ou escrito em língua inglesa ou portuguesa*.

Acredito que seja importante incluir possíveis articulações no documento, pois a fragmentação dos objetivos de aprendizagem por eixos provavelmente levará os professores a planejar situações de aprendizagem igualmente fragmentadas.

Faço uma sugestão para exemplificar: no eixo de leitura do 7º ano, não há a unidade chamada de atividade pós-leitura. Esta poderia ser incluída na forma de uma produção escrita de autoria sobre o texto lido. Uma proposta que articula as habilidades de leitura e escrita, ao mesmo tempo que também pode contemplar o eixo da educação intercultural, dependendo do tema da leitura e especialmente da escrita.

Retomo esse item no final do parecer.

### **Competências específicas da Língua Inglesa para o EF**

A descrição das competências específicas e a relação de cada uma com as competências gerais está bastante clara e interessante. A princípio se poderia sentir necessidade de separar as competências escritas das orais, uma vez que são ativados conhecimentos e habilidades bastante distintas para dar conta de uma situação de comunicação escrita ou outra oral. A separação seria especialmente relevante no momento da avaliação dos aprendizados.

No entanto, ao ler o restante do documento, percebo que essa questão está claramente resolvida na descrição das habilidades dentro de cada eixo, separando oralidade de escrita. Fica então apenas o destaque para a importância de se verificar a eficácia dos programas de ensino/aprendizagem de inglês com critérios de avaliação relacionados às habilidades, e não às competências específicas, porque são mais gerais, englobam muitos saberes em cada uma e, portanto, mais difíceis de avaliar com precisão.

## **A aprendizagem de Língua Inglesa**

A proposta da BNCC é que a língua inglesa seja aprendida da mesma forma da língua materna, ou seja, por meio de *práticas discursivas e linguísticas cotidianas e da reflexão sobre elas, levando os alunos a uma autonomia no uso comunicativo de ambos os idiomas*. Louvo essa excelente diretriz proposta, destacando apenas que, no caso da língua inglesa (ou qualquer língua estrangeira), os primeiros contatos serão para que os alunos adquiram um repertório próprio, básico, com o qual poderão então participar das situações de comunicação e reflexão.

## **Habilidades (Objetivos de Aprendizagem) para os Anos Finais**

Acredito que esta é a parte do documento que mais diretamente influencia as práticas didáticas pois, ao relacionar os objetivos de aprendizagem (habilidades) para cada ano da escolaridade, estas tabelas oferecem um “guia” para a escola e o professor desenharem seus currículos e planejarem as situações de aprendizagem.

Considero que a distribuição das habilidades dentro dos eixos e também ao longo da escolaridade está muito boa. O percurso proposto é coerente e levará os alunos a terminar o Ensino Fundamental com bom conhecimento da língua inglesa. Por isso, relaciono a seguir apenas os aspectos que merecem comentário separado.

### Progressão das habilidades ao longo dos anos.

É excelente a progressão das habilidades dentro de cada eixo. Por exemplo, analisando o eixo da oralidade, o 6º ano começa com a produção de textos orais curtos, falando de temas familiares e usando um repertório de língua básico. O 7º ano segue com a produção de apresentações sobre acontecimentos passados, um texto que exige maior repertório de vocabulário de estruturas, assim como uma competência oral – de fala – mais sofisticada, exigindo planejamento e ensaio. E assim por diante, até o 9º ano quando os alunos devem preparar uma apresentação oral argumentativa, considerando o destinatário para fazer escolhas de formalidade, vocabulário e recursos persuasivos. Uma progressão bastante adequada e desafiadora ao mesmo tempo.

### Atividades pós-leitura e pós-escrita

A BNCC sugere como opção metodológica, que as situações de aprendizagem de leitura se dividam em pré-leitura, leitura e pós-leitura, sugestão valiosa que fomenta a aquisição de autonomia do aluno.

A mesma recomendação existe para a escrita e é evidente na organização das unidades temáticas de escrita, com atividades de planejamento como

pré-escrita, propostas de produção e finalmente atividades de pós-escrita. No 7º e 8º anos, a atividade pós-escrita sugerida é uma avaliação/revisão da própria produção. Aqui falta descrever como isso pode ser feito. A avaliação precisa de critérios de êxito previamente definidos. Estes podem ser construídos pelos alunos, guiados pelo professor, ou somente pelo professor que compartilha antecipadamente com os alunos, ou ainda descritos na análise de um modelo que servirá de referência para os alunos compararem e assim revisarem suas produções.

Da mesma forma, a atividade pós-leitura do 9º ano consiste em estabelecer relações de semelhança e diferença entre textos do mesmo tema. Novamente é preciso que os alunos tenham claros os critérios para a comparação, caso contrário poderão se deter em aspectos que não ativam os conhecimentos desejados. Em outras palavras, a sugestão é incluir essa menção aos critérios de êxito pré-definidos na habilidade relacionada à unidade temática da atividade pós-leitura.

#### Eixo da escrita – 7º ano – pág 12

Penso que a proposta de produção escrita não é de texto narrativo, mas descritivo, ou ainda explicativo, uma vez que se quer explicitar a relação com o momento presente. A redefinição da trama do texto é importante porque ela regulará a avaliação do sucesso ao avaliar a aquisição do objetivo (nesse caso, o tipo de texto produzido). Além disso, a sugestão de pré-escrita – planejamento - é de texto descritivo. Faz sentido então que a produção seja do mesmo gênero do planejamento.

#### Conhecimento linguístico e gramatical – presente perfeito

Sugiro tirar o presente perfeito da lista de tempos e formas verbais do 7º ano e passa-lo para o 9º ano.

Este tempo verbal da língua inglesa – o presente perfeito – segue uma lógica bastante diferente da lógica de uso de verbos da língua portuguesa. Já as formas do passado são bastante similares ao português. Assim, seria mais interessante que no 7º ano, apenas o segundo ano de contato dos alunos com o novo idioma, sejam trabalhadas as formas do passado e o presente perfeito seja abordado no 9º ano, quando os alunos poderão revisar o passado e compreender, nos textos argumentativos, a diferença de mensagem passada quando se usa um e outro tempos verbais.

#### Unidade temática: atitudes favoráveis ao aprendizado de inglês

Louvo o destaque de certos saberes dentro da unidade temática nomeada *atitudes favoráveis*. O uso de dicionários impressos e digitais por exemplo é ferramenta importante para a aquisição de autonomia no uso do idioma.

Assim como o uso de recursos digitais diversos e, finalmente, a análise do próprio percurso de aprendizagem proposta no 9º ano.

#### Dúvida: B2? – práticas de leitura do 8º ano

Na descrição das habilidades do eixo leitura do 8º ano, pág 16, há uma menção B2 antes da descrição das práticas de leitura. Fiquei em dúvida sobre o que significa isso.

Se for, como entendo, uma menção ao nível de proficiência almejado, usando como referência o *European Common Framework of Reference for Languages*, documento europeu que dialoga harmonicamente com a BNCC, eu discordaria da meta. Penso que no 8º ano o nível de proficiência adequado seria B1 no máximo, dado que a proposta curricular é começar com o aprendizado de língua inglesa a partir do 6º ano. Com apenas dois anos de aprendizado, penso que não é desafio factível almejar nível de proficiência B2 (que corresponde ao nível de proficiência de falantes nativos). Acredito que as habilidades e competências descritas levarão os alunos a terminar o Ensino Fundamental com nível de proficiência B1, sendo capazes de alcançar B2 durante o Ensino Médio e/ou na continuação de seus estudos, mesmo que de forma individual.

#### Eixo de leitura – 9º ano – pág 21

Nesse eixo há duas unidades temáticas com o mesmo nome: *Estratégias de leitura de textos em Língua Inglesa: durante a leitura*. Penso que a segunda poderia ser chamada de *Reflexão durante a leitura de textos em Língua Inglesa*. Na primeira, as habilidades são realmente de construção de estratégias de leitura: distinguir fatos, identificar argumentos, avaliar a coerência. Já a habilidade relacionada à segunda é de estabelecer relações entre texto e contexto de produção, grau de formalidade, registro, enfim, habilidade relacionada à reflexão sobre a leitura e não uma estratégia em si. Nem todo leitor precisa fazer essa reflexão para cumprir uma situação comunicativa de leitura, mas precisa sim agir de acordo com os verbos descritos nas primeiras habilidades. Assim, deixo a sugestão de mudança de nome da unidade temática.

#### **Os gêneros textuais abordados**

Há uma boa diversidade de gêneros propostos para o ensino/aprendizagem de inglês nos anos finais do Ensino Fundamental, com uma predominância de textos descritivos. Se cabe aqui alguma sugestão, eu ampliaria a diversidade de textos literários propostos. A literatura provê textos com graus de desafio linguístico diferentes, por isso pode se adequar aos objetivos colocados por cada ano. A principal defesa de maior inserção de textos literários é pelo seu potencial de estudo de aspectos culturais e sociais das línguas.

## **E os projetos?**

Como última observação sobre o documento, deixo uma sugestão para pensar: Que tal incluir mais explicitamente orientações para o trabalho com projetos na disciplina de língua inglesa?

Os fundamentos pedagógicos da BNCC afirmam que no cenário atual, *o papel da escola é desenvolver competências como aprender a aprender, aplicar conhecimento para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, identificar dados de uma situação e buscar soluções*. Sem dúvida, como também orienta a BNCC, a aquisição dessas competências se dará ao colocarmos os alunos em situações nas quais precisam ativá-las sob a tutoria dos professores.

São situações de projetos, de uso social com propósito real, que colocam os alunos para tomar decisões, confrontar suas soluções com interlocutores reais, avaliar suas ações de acordo com os resultados, etc.

Além disso, como anteriormente descrito, sinto falta da articulação entre os eixos descrita na introdução do documento, mas fragmentada na descrição das habilidades. Os projetos, a meu ver, serão a oportunidade de articulação dos eixos e aprofundamento das competências gerais da Base.

O planejamento de projetos deve conter uma descrição do produto e interlocutor, descrevendo a situação comunicativa na qual está inserido. Descreve também os objetivos de aprendizagem e aqui o potencial para articulação entre os eixos. Segue com a descrição das etapas, que orientará a prática da sala de aula do professor e, finalmente, descreve os instrumentos e critérios para avaliação do aprendizado. A avaliação vai remeter às competências gerais e específicas da área, o que considero importante para que o trabalho da sala de aula de fato se conecte com toda a proposta da Base Nacional Curricular Comum.

Penso que se poderia incluir essa proposta no documento, talvez até com algumas sugestões que derivam da própria descrição das habilidades.

## **Comentários finais**

Parabenizo o esforço de todos que se envolveram na construção desse precioso documento. Como descrito na introdução da BNCC, sua eficácia precisa estar articulada a um conjunto de outras políticas e ações, no entanto, o caminho está traçado e extremamente bem desenhado. Fico honrada por dar a minha modesta contribuição a esforço de tamanha grandeza.

*Janeiro de 2017*

*Sandra Baumel Durazzo*